

Leactive qual

Na leitura cuidadosa que procedi
na tese de V. Ex.^a, verifiquei que
vários modos de exprimir o pensa-
ment concernivo lhe escaparam,
como em que, non embargo de que,
seu embargo de que, dado que,
dado o caso que, como quer que,
em como quer que, etc. (Ver Epi-
fânio Dias, Sintaxe Histórica Portu-
guesa, Lisboa, 1918, p. 291).

Roteiro

Pág. 10 - Hipotéticas opositivas

" 11 - Valentosos

* " 15 - Modais em temporais

" 16 - Espanhol e português juntos

— já que (arc. cá).

— Erro de citacar

Pág. 19 - Quamori

a) gran

b) com adjetivo

c) a partir de Pito Ario

Pág. 23 - Et

— advérbios e conjunções + gran

Pág. 25 - Contradições

Pág. 26 - Erro de atacar

" 27 - bien que

" 28 - macar, magar, maguer

— Pro + adj. e substantivo

— Omitir Inferno, c. 7, v. 4-6

Pág. 29 - chi, chiunque; qui que
quasi que, etc.

Pág. 30 - Fácilmente

" 31 - si quer (exp.)

— quer ... ou (port.)

" 39 - autor (cultor)

" 40 - achar

— cuidar

" 42 - ter para si

" — supor

" 47 - dado, mas não concedido

" 51 - Citaco de fl. Vicente

* " 54 - Entora

" 56 - Peró

— Contorno de título

Page 10 (cont.)

est souvent très voisine aussi de l'hypothèse. Si dans la plupart des phrases amenées par bien que, quoique, etc., la concession porte sur un fait réel, ou admis comme tel, il ne manque pas de phrases où la "concession oppositive" énonce un fait supposé. C'est le cas, en particulier, lorsque la subordonnée a son verbe au conditionnel..." (Syntaxe du Français Moderne, New York, 1938, t. II, p. 501).

George le Bidois et Robert
le Bidois

Pág. 10

Diz V. Ex.^a, depois de mostrar a impropriedade da designação concessiva no seu atom de pleno accordo:

"Melhor nos parece aqui a designação de hipotética opositiva, empregada por alguns tratadistas. Aqui, pelo menos, se atende ao conceito bipartido que encerra o pensamento concessivo."

Não acho que seja melhor a designação que V. Ex.^a propõe, apoiada em alguns autores. Se ela atende, como V. Ex.^a diz, "ao conceito bipartido que encerra o pensamento concessivo, não sempre encerra a ideia concessiva numa hipótese."

Se digo, por exemplo: "Embora fatigado, continuarei o trabalho" não há nenhuma hipótese, o que há, com efeito, é a afirmação do estado positivo de cansaço em que me encontro. Logo, se a designação de concessiva é má, a outra não é melhor, porque não atinge em coisa em toda a sua complexidade.

Com o seu espírito fino de analista, já entrevia Bichon que nem sempre a concessiva encerra uma hipótese. "D'autre part la concession

X

Pág. 15

Falando das conjunções tempo-
rais italianas que depois passe-
ram a causais, cite V. Ex.^a po-
is que, errando na transcrição de
que por che e separando os dois
elementos que hoje se encontram
juntos numa só palavra - pois-que.

Nota-se, nesta página mesma
página, um erro de graphia - con-
tante por coeterno.

Outro engano ainda V. Ex.^a aqui
comete: é quando da siccome (it.),
comme (fr.), si com (prov.), como
(esp. e port.) — Estes dois últimos
na pág. seguinte —, que eram pri-
mitivamente causais, como causais,
que passaram a temporais. De
tôdos estes pronomes a base é
o latim quoniam, isto é, como
conjunctivo causal.

Pág. 11

Diz V. Ex.^a: "Eucenau finas observações as páginas escritas pelos talentosos Moanthner em Beiträge e Paul em Principien."

Certo que é o adjetivo mas é bem adequado para qualificar os mestres que V. Ex.^a cita. Talentoso, à força de ser empregado inadequado, a todo momento, se gastou de tal maneira que hoje a empregamos para designar a pessoa, geralmente jovem, que, a ninguém de outras qualidades, com o saber, a erudição, a experiência, tem apenas inteligência.

Moanthner- Beiträge zu einer Kritik der Sprache, Berlin und Stuttgart, 1921, 30

Hermann Paul- Principien der Sprachgeschichte, 5^a Aufl., Halle, 1922

Pag. 16

Ainda, nesta página, há outro eng.
gem. A citação de Bertrand Born,
que V. Ex.^a tomou de Meyer Lübke,
~~de~~ não é 14,15, mas 14,55, como
pode verificar.

Pág. 16

Diz V. Ex.^a: "d) espanhol e portu-
guês: ga gum, pues gum, como (gum),
já que (arc. cá), pois gum, como..."

Ora, como está reduzido, sem a ne-
cessária pontuação, parece gum se
podem empregar todas essas con-
junções para o espanhol e o por-
tuguês, o que não é certo.

Ademais, a forma atual já gum
não tenha por correspondente, no
português arcaico, apenas cá,
como está na lre. de V. Ex.^a, mas
já ca, o gum se pode ver no
trecho abaixo do Graal, citado
por Meyer Lübke: "mas os signa-
e as significanças do Santo Graal
non parecem ao peccador nem a
homem que he envolto nos sa-
res do mundo. E poram se vos
nom mostram, já ca non sody
do Graal peccador." (Grammaire des
Langues Romanes, vol. III, p. 664)

Pág. 19

Diz V. Ex.^a, em nota a esta página, citando Madvig: "Quamvis quer dizer propriamente: quanto queira, e o conjuntivo exprime de per si só a concessão." (Madvig, Gram. Lat., § 361, obs. 1). "Expressando num gram, quamvis era quase sempre, no latim clássico, seguido de um adjetivo ou advérbio."

Não entendo o que V. Ex.^a quer dizer com a quê gram. Será por que Riemann (Syntaxe Latine, p. 380-381), traduzindo quamvis o fez por meio da expressão "à quelque degré gram"? Em português, diríamos de qualquer modo que, de qualquer maneira que, qualquer que vija o modo ou a maneira que, etc.

Outra observação de V. Ex.^a diz. Não era só no latim clássico que se empregava quamvis com um adjetivo ou advérbio, mas também no grego. Para provar, apresento aqui um exemplo de Plauto: "quamvis ridiculus, est". (Men., 318).

↓
menaeche

Pag. 19 (cont.)

la construction qu'on lit chez Cornélius Népos, et chez Ciceron."

A frase toda de Cornélio:

"erat enim inter eos dignitate aequa,
quomodo credebatur nomine, neque id
magis imperio, sedam iustitia, conuen-
tur." (Abiet., 2, 3).

A frase de Cícero

"Hoc ille natus, suamquam patrem
suam suamquam viderat, tamen
et..." (Pro Rob. Portum, 4).

Poggio Bracciolini, em 1413, em me-
mentos do Pro Rob. Portum, proíve-
mente em francês. Esta obra foi en-
viada a Itália. Esta menção estava em
mutilada, daí ^{legenda} Plutarchus os equitos quanto
expectam, que vorem tely attorero
sentido primitivo.

Algum-a mentes espíritos no sec.

XV de maneira transcrita de Poggio

Clark consultou meus meus de H.

Scriptorum classicorum Bibliotheca Oxonia
sis, 1808)

A Klotz (de. Falt. Cicerois - Scripta sua
necesse est, t. VII, na Bibliotheca
Pulchiana)

Pág. 23

Diz V. Ex.: "O testemunho da evolução linguística nos ensina que as conjunções de pequeno volume fonético, salvo exceções, não persistiram. Tomemos, como exemplo, as conjunções cum e et."

Ingrata-ou V. Ex.: A conjunção et permaneceu em todas as línguas românicas: port. e; esp. y, e; fr. et; prov. e (g); cat. i; log. e eng. e; it. e (d)...

Breve que o engano de V. Ex.^a decorreu da leitura pouco atenta do que diz Meillet acerca do et, mas representado, em latim, pela enclítica ea que: "La conjonction signifiant 'et' était l'enclitique qui est représentée par skr. ca, zend ča, v. persa ča, gr. εε, lat. que, c'est-à-dire un indoeuropéen *h²we. Conrath à date ancienne, cette particule n'a survécu ni dans les langues de l'Inde, ni en iranien, ni en grec moderne, ni dans les langues romanes." (Linguistique Historique et Linguistique Générale, Paris, 1926, I vol., p. 161).

Pág. 19

Continuando, diz V. L. na mesma obra: "No lugar de quamquam, em sentido concessivo, quamenis era já conhecido de Pito-Lívio e dos poetas da época imperial. Cf. Riemann, Studies, p. 300-301, nota 4)."

Outro exemplo de V. L. Quamenis, em sentido concessivo, foi empregado muito antes de Pito-Lívio, e mais, acompanhado de indicativo

Assim já aparece em Cornélio Nepos: "quamenis caretat nomine" (Uitt., II, 3) e também em Cícero "quamenis patrem suum nunquam ~~viderat~~ ^{viderat}" (Pro Rabirio Postumo, 4). Apud Syntaxe Lat. par Riemann, p. 382, n. 1

É verdade que alguns latinistas quiseram atribuir a erro de copistas esta forma do emprego de quamenis por quamquam. Mas contra isso me manifesta Goussier em nota à Syntaxe de Riemann. "Mais la correction est sans doute superflue de bonne heure, il y a eu en latin la tendance à confondre les différentes conjonctions marquant la concession, comme les modes qui généralement elles entraînaient avec elles. C'est évidemment l'influence de quamquam qui a causé

Pág. 25

Diz V. Ex.^a, a propósito dos meios de expressão do pensamento concessivo, em apoio em Bourciez: "a) o reforço do subjuntivo pela partícula jam, principalmente no galo-românico: *jam sit fortis (ant. fr. ja soit il fort, je ne le crain, apud Bourciez, Éléments, § 256 a) deu origem às conjunções concessivas do fr. ant. ja soit, jam..."

§ prossegue: "Primitivamente, ja soit era a oração principal cujo sujeito se representava pela oração de jam. A construção plena, nos primários tempos, foi para o francês ja soit ce que..."

Há uma pequena contradição no jam V. Ex.^a diz: Se primitivamente a expressão era ja soit, nos primeiros tempos foi ela a jam de uso, e outra a construção plena mas não pode assim remontar "aos primeiros tempos."

Tratando em sua tese dos meios de expressão do pensamento concessivo em português, não sei por que V. Ex.^a perde tempo com uma expressão que não tem representante em nossa língua.

Pág. 23

Ainda nesta mesma página, diz V. Ex.^a: "A maioria das novas conjunções românicas surgiu principalmente, pelas uniões de advérbios e conjunções + que e por perífrases nominais."

Esquecem-se V. Ex.^a de mencionar a preposição, que desempenha também na formação das novas conjunções um papel muito importante. Basta citar, para exemplo, as seguintes: contudo, entretanto, portanto, porquê, porém, porquanto, enquanto, etc.; e as locuções: para que, até que, sem que, de maneira que, contanto que, por isso que, etc.

Fato este é verdade que Ferdinand Brunot e Charles Brunot, tratando de conjunções, depois de falar no advérbio como elemento formador de conjunções na letra a) (p. 653), logo na letra b) (p. 654) fala de preposições (Ver Précis de Grammaire Historique de la Langue Française, Paris, 1937, nouv. éd., ~~1937~~ p. 653-654).

V. Ex.^a fala em ^{«advérbios e} «conjunções + que».
Não quereria dizer «advérbios + a conjunção que»??

Pág. 27

Nas suas as muitas explicações sobre a origem de expressões bien que, as de Bourciez e de Vogel, citados por V. Ex.^a A etas V. Ex.^a pode acrescentar de Bidois. Segundo este autor, bien que é uma redução de "com bien que", que foi, durante tout le moyen âge, la ligature par excellence de la concession." (Syntaxe du Français Moderne, New York, G. S. Stechert, 1938, t. II, p. 505).

Já Andrés Bello, remete ao cuervo, acha que o apentel bien que é o resíduo da frase — bien es verdad que ou bien es que (Ver gramática de la Lengua Castellana, Paris, 1928, 20 ed., p. 325).

Pág. 26.

Os versos de Francisco de Sá de Menezes: "Os conceitos na língua reucrei-
rão/se bem na tabaco picaem patea-
ras" - gm V. Ex.^a cita apud Reinhard
tner, Grammatik, p. 381 - mas são
do canto I, estrofe 55, mas do canto
II, estrofe 109.

Poema:

Malaca Conquistada pelo grande
Affonso de Albuquerque, ^{3^o ed.} Lisboa, 1779.

Impressa na Officina de José da
Aguiar Bulhoens.

1^a edição 1634

2^a " 1658

3^a " 1779

Pag. 28 (cont.)

Ainda um outro reparo. Diz V. Ex.^a
que foi no países românicos do sul
que se desenvolver o seu empírio,
e não obstante cita o romeno que
está a língua do sul, mas do
~~norte~~ europeu.

Pág. 28

Não está supostamente claro o que
V. Ex.^a diz no começo desta página:
"a) à maneira do latim utinam, e
emparelhado com subjuntivo dahi,
derivado, desenvolveu-se, pelos países
românicos do sul, o emprego da
interjeição grega μαχάριε, na
idéia concessiva (it. ant. ~~mac~~ maca
ri, it. mod. magari, rum. măcar
esp. e port. ant. macar, magar, m
guer."

Como está assumido, parece que
o latim utinam, que se empregava
com o subjuntivo desiderativo, pas-
sou a significar, nos países roma-
nicos, com o grego μαχάριε idéia
concessiva, o que está é verdade.

Outro engano de V. Ex.^a é grafar
a palavra μαχάριε, que se escreve
com capa, com χ (ch).

Também não é certo que μαχά-
ριε seja em grego uma interjeição.
Trata-se do adjetivo μαχάριος, α, ον,
empregado no vocativo exclamativo
μαχάριε = feliz, bem-aventurado, que
depois passou a καλή. Nisto, sim,
é que está a sua semelhança ou
analogia com utinam latino.

Pág. 28

No exemplo que V. Ex.^a dá para
o italiano: "Non ti mucca la tua
paura, ché, poder ch'egli abbia,
Non ti torrà la scender questa
roccia" — esquecem-se de indicar
o autor, uma vez que aqueles
versos são os seus. Na
Grammaire des Langues Romanes,
de onde V. Ex.^a copiou os
versos, está clara essa referência:
Dante, Inferno, ^{canto vi.} 7, 4-6

Pág. 28

Ainda nesta página, diz V. Ex.^a: "des-
cede uma oração iniciada por ele-
mento relativo, precedida de pro
e em referência a um adjetivo
ou substantivo de natureza atribui-
tiva para denotar a ideia
essencial em românicos."

Admita V. Ex.^a que o pro pos-
sua em referência a um adjeti-
vo ou substantivo de natureza atribui-
tiva nos exemplos que dá em po-
rtuguês (p. 28) mas há nenhum
caso em que ele esteja em re-
ferência ao substantivo.

Seria interessante que V. Ex.^a an-
tasse aqui, que às vezes se omit-
tem nos casos o elemento românico,
representativo daquela pro latina
como nos seguintes exemplos: Sábio
que ele fosse, na divindade
aquela mistério.

Pág. 30

A exemplificação que V. Ex.^a dá na letra f) desta página é toda ela tomada ao Diez, como honestamente confessa.

Há um ponto, entretanto, em que V. Ex.^a se afasta do original alemão. Diez Diez: "der disjunctive Sinn wird gerne mit ja oder ahora bezeichnet" (Grammatik der Romanischen Sprachen, dritte Aufl., Bonn, 1872, III, p. 364)

Assim se traduz o texto de Diez: "o sentido disjuntivo é indicado à vontade (ou como quiser) por ja ou ahora".

Os tradutores franceses⁽¹⁾ de obra de Diez também traduzem esta parte "le sens disjunctif s'exprime volontiers par ja ou ahora". (Grammaire des Langues Romanes, Paris, 1876, III, p. 335, l. 20).

Interpretando mal o pensamento do linguista alemão, traduz V. Ex.^a: "o sentido disjuntivo se exprime frequentemente por ja ou ahora".

Pág. 29

Diz V. Ex.^a: "e) adjetivos, pronomes e advérbios relativo-interrogativos de valor indefinito, presos a uma forma verbal de esse(re), vell, volere e quaerere e acompanhados ou não da relativo podem exprimir a relação concessiva em românicos."

A seguir cito V. Ex.^a exemplos de italiano (chi che, chiunque), provençal (qui que, cui que, que que, quod) e franceses (quoi que), onde nos figuram os verbos esse(re), vell, volere ou quaerere, e que é il — os adjetivos, pronomes e advérbios, etc., deveriam estar presos.

Pág. 31

Ainda muita ourens pépua, assim como
 do que a disjuntiva em espanhol,
 italiano e francês, admite com se-
 guendo elemento o (it.), o' (esp.), ou
 (fr.), por que não fez V. Ex.^a o mes-
 mo para o português? Ou será que
 não se pode dizer em português:
Quer você venha ou não, mas vai-
rei hoje de casa?

Na parte relativa ao português, 9.
Ex.^a poderia ter sido mais explícita.
Além dos exemplos com a conjunção
ou seu, poderia ^{assim} ~~seu~~ seu, em por-
tuguês, com idéntico valor concen-
so, de emprego num verbo no
subjuntivo seguido de ou, em
frase como esta: Diga você isto ou
aquilo, ou mudarei a minha juiz
acôrde de fato. Põe você tem ou
mal de mim, ou me interessa.
Está você de acôrde comigo ou eu,
continuarei e após de então mais

Păg. 31

Citându-se expresiile de mai jos
expresii, corespunzătoare a latine
- sive... aue, V. bi.^a de sea... sea
(sea... o'), ai guer... ai guer. fra,
cu spantul, a pama de verb ai
tornade conjuncas, nat e guer, ne
guier.

Pág. 40

Diz V. G.: "É fato comum exprimirem-se com o verbo achar uma opinião ou impressão individual acerca de coisa duvidosa ou insegura. Isto como se a pessoa resolvendo pensamente no espírito todas as probabilidades, "achasse", por fim, a solução do problema: "Acho que vai chover."

Não é sempre necessário que se verifique essa operação penosa do espírito, a que V. G. alude. A prova está no próprio exemplo que dá. Dado os sinais evidentes de mau tempo, posso enunciar facilmente a minha opinião de que vai chover. Não preciso resolver pensamente no espírito todas as probabilidades que o fato possa que sentar.

Pág. 39

Na citacaõ de um passo de Manoel Bernardes, V. 2.^a conta-se um engenheiro. Trata-se de autor, que, em sua tese, aparece erroneamente - culpor. (Nova Floresta, t. II, p. 113).

Pág. 42.

Diz V. S.^a: "A linguagem per se si,
ou haver que indica alguma pelo
opiniões ou crença alheia..."

Discurso de interpretação de V. S.^a.

Numa frase como - tanto para mi
que isso é verdade - não vejo que
haja "alguma pelo opiniões alheia",
antes sim de isto uma preocupação
elegant de discurso de opiniões
alheia.

Sei de passagem que V. S.^a
me aduzem nenhum exemplo de
haver que.

Pág. 40

Não entendi o que V. Ex.^a quer
dizer ~~comentou~~ ~~antes~~, neste
mesmo págio, quando escreve,
pelo que ficou depois os seus
aderecimentos: "Os escritores portugue-
ses empregavam o verbo quidar,
ora acariciando a pena como ve-
dade ou com suspeita..."

Pág. 47.

Dez V. Ex.^a: "E como se não bastava esta divergência, além de outras análogas, a prosa da gramática ainda por cima não tem crédito abalado, quando um quinhentista ou seiscentista — vestígio da imitação da antiga dialética — nos mimosa com algum dado, mas não concedido que ou vice-versa, como se houvesse franco antagonismo entre as duas operações."

Não é esta expressão privativa dos escritores quinhentistas e seiscentistas. Assim, não se justifica a referência especial feita a eles. Uma demonstração clara de que o não é está no exemplo que V. Ex.^a dá de um escritor do século XVII — fr. Gaspar de Abade de Deus, autor das Memoórias para a História da Capitania de S. Vicente (Lisboa, 1793), falecido no ano de 1800.

Não vejo por que o emprego dessa expressão — dado, mas não concedido — que remonta ao latim datum, sed non concessum — abate o crédito tradicional da gramática. Os dois participios não são sinônimos. Dado significa aí "termi-

Pag. 42

Ainda nesta página, diz V. Ex.^a
"A teologia escolástica, com seus ar-
gumentos e subtilizações de lógica,
deve-se a introdução de supponere
"pôr em lugar de?" e tantas ou-
tras significações que desta concei-
to primitivo poderiam tratar."

Por que fala V. Ex.^a na teologia
escolástica? Não seria melhor ^{deixar} na
filosofia escolástica? Sim, com efeito,
muito que as hipóteses ou suposi-
ções se multiplicavam, como base
de argumentação para se chegar à
verdade. A teologia se baseia na
revelação, isto é, na palavra de
Deus transmitida ao homem, atrá-
vés de seus emissários. Aqui ou
se crê ou não se crê. Não há
margem para as hipóteses.

Diz V. Ex.^a que o conceito primiti-
vo de supponere é "pôr em lu-
gar de". Não é tal. O sentido pri-
mitivo de supponere é "pôr em
baixo", compare os seus elementos
de formação sub (em baixo) e
ponere (pôr).

Pág. 51

Faz V. Ex.^a três citações de fil Vicente nesta página. Na bibliografia, está o registro de todos os autores, obras e edições que constam, para fazer a sua tese. Lá encontra citada apenas uma edição de fil Vicente - a de 1852, em 3 vols., que é quarta. Mas as citações que V. Ex.^a faz, em sua tese, não são da quarta, mas da quinta, isto é, a de 1909, de Mendonça dos Remédios, também em 3 vols., como tive ocasião de verificar.

São as seguintes as edições de fil Vicente:

1ª edição, a princeps. Foi feita pelo filho do poeta, Luís Vicente e Paula Vicente; é do ano de 1562, da que há uma cópia facsimilada de Biblioteca Nacional de Lisboa (1928).

2ª edição. 8ª de 1586.

3ª " ". 8ª de 1834 (Hamburgo), feita por Barret Feio e Louis Moritain.

4ª edição. 8ª de 1852, reproduzida em parte da de Hamburgo, com acréscimos e correções, 3 vols. (Editores: Mendonça dos Remédios e F. J. Pinheiro).

5ª edição. 8ª de 1909, feita por Mendonça dos Remédios, em 3 vols.

6ª edição. 8ª de 1942-1944, feita

Pág. 47 (cont.)

tido para argumentar" e "nas concessões", isto é "nas acções" como certo.

Já nos documentos do latim medieval aparecem juntos dare e concedere, com verbos de significação diferente, mas completando a ideia de outro: dare no sentido de "offerre" e concedere no de "tradere" (Ver Juan Bastardas Parera, Particularidades Sintácticas del Latín Medieval, Barcelona, 1953, p. 146).

Pág. 56.

Ainda nesta página, faz V. Ex.^a
uma citação de Fernão Lopez: "Mas"
Alvarez peró fosse mais quem
do isto ouio, disse que lhe ti-
nha em grande mereee...", regis-
trando o título da obra de onde
a tomou: Cron. Dec. III, 8, 5. Deve-
tu ter havido confusão do título da
obra de Fernão Lopez, ou seja, a
Crônica de D. João, a qual, cito
da em sua bibliografia com as
as Decadas de João de Barros,
citadas linhas abaixo.

Pág. 54 (53)

Dos exemplos antigos, apresentados por V. Ex.^a como facetas para o embora concessivo, apenas o segundo do ~~lto~~ Pe Manuel Bernardes me parece adequado ao caso. O exemplo é o seguinte: "Topa isto em nos convertermos em pó?... Embora, nós presumamos ser corruptos, horror, e bichos, e não ver, nem ouvir, nem abrir boca, nem falar conosco de um lugar..." (Nova Floresta, II, p. 107).

Nos outros, o valor adverbial de embora (em + bora + hora), está bem à flor, para que possam ser tomados como elos próximos da cadeia que conduziu à cadeia concessiva.

Bibliografia

Examinando a bibliografia de V. Ex., apesar de rica, verifiquei que aí faltam duas obras capitais, cujos autores consagraram muitas páginas ao assunto que tratarei em anexo.

São elas: a Syntaxe du Français Contemporain, Paris, Librairie Droz, 2 vol., 1936 per Hr. Sandfelt (p. 370-398) e la Pensée et la Langue, Paris, Mouton 16re., Éditions, 1936, per Ferdinand Brunot (p. 855-886).

Enfim os primeiros chega V. Ex. a citá-los, (pág. 16, nota), mas da segunda edição, através de Boer. (Syntaxe du Français Moderne, Leiden, 1947).

As vezes, V. Ex. dá uma indicação muito sumária acerca de outra. É o que acontece, por exemplo, com a Novus Florista de Emmanuel Bernardus, que diz ser uma reprodução facsimilada da edição de 1706.

De 1706 é apenas o 1º vol.; o 2º é de 1708; o 3º de 1711; o 4º de 1726; o 5º de 1728. Não há também nenhuma referência ao número de volumes de que a obra consta — 5 como se viu.

Pág. 56

Parece-me que V. Ex.^a teve ainda
quanta ao emprego, na língua arcaica
de peró simples em lugar de locu-
ções peró que, com sentidos conexos,
embora, lidas abaixo, se convença
em face de outro exemplo que
encontrei em Fernão Lopes: "Se não
foi lapso de copista, a quem
teria escapado o segundo vocábulo,
peró que podia simplificar-se em
peró..."

Admito-me de que V. Ex.^a tivesse
divida de um fato, mas o me-
nos frequente, na antiga linguagem
no C. H. há menos de seis ex-
emplos de peró em lugar de
peró que. São os do verso 755,
946, 1624, 1903, 1907 e 7449, todos
citados no glossário de Caminha
de Ajuda de Bartolomeu Machado
de Vasconcelos (Lisboa, 1921 - separata
de Revista Lusitana, vol. XXIII).

Breveta

- p. 10 : raisons - por - raisoné
p. 47 : faiscaver - por - faiscavado
p. 48 : mølher - por - møllher
p. 51 : procure - por - procuron
p. 54 : repete-se aí a frase "on n'oy
por valer não há mister
quem procure a sua exal-
tação."

Outras vezes, é a obra citada
na tese, mas não se fez o seu re-
gisto na bibliografia. É o caso de
Abouge de Gister de Herault (p.
12). Cito-se também Faria e Sou-
za, sem que haja menção a qual-
quer obra sua na bibliografia
(p. 41).

Lacunae bibliographicas

Karl Vossler - Geist und Kultur
in der Sprache, Heidelberg,
1925

(Capitulos: Nationalistische
Sprache und National-
malgefühl e National-
sprachen als Stile).

Van Ginneken - Principes de
Linguistique Psychologique,
Paris, 1907).

Charl. Bally - Traité de Sty-
listique Française, Hei-
delberg, 2^e edit., 2 vol.

J. Vendryes - Le langage, Paris,
1921.

(Capitulos: Le langage
affectif, p. 162 - 183)

Georges Gallichet - Essai de Gram-
maire Psychologique, Paris,
1947).

Abbaume Grammat - Essai de Psycho-
logie Linguistique, Paris,
1950.

Karl Vossler, Leo Spitzer, Hel-
muth Hatzfeld - Introduction
à la Stylistique Romane,
(Trad. André Mauro e Reinhold Laan)

Charles Bally, Elise Richter
André Mauro e Reinhold Laan -
El Impressionismo en el
Lenguaje, B. Aires, 1942)

A. Carnoy - La science du mot
(Traité de Sémantique), Louvain

Vicente García de Diego - Lecciones
de Lingüística Española,
Madrid, 1951 (Cap. I - La
afectividad en el lenguaje,
pag. 9-63)

Amadeu Mons - Estudios Lingüís-
ticos, Madrid, 1951. (Cap. III.
Estudios de Semiología y
Estilística, pgs. 151-288)

Marguerite Laps - Le style indirect
libre, Paris, Payot, 1926

Jac. van Ginnech -

Wien, Völkerpsychologie, Leipzig, 1900

Oskar Kalupky - Das "Style in-
direct libre", in Germanische
romanische Monetschrift, Hei-
delberg.

Etienne Lerch - Die erlebte Rede,
Heidelberg, 1921

Gertraud Lerch - Die ungewisse
directe Rede

Phse.

Contribuições para uma
Estilística da Língua Por-
tuguesa.

pelo

Prof. Joaquim Mattoso Câmara